



Por uma cultura de paz

**154. RedeUnaViva: Meditação Cristã 154 – paragem 6-433 –
27.08.2017**

JOÃO 10:11-21

O BOM PASTOR

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Qual é a diferença entre o (Bom) pastor e o ladrão de ovelhas?
2. O que significa “aplicar sua alma sobre as ovelhas”?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como trocar minha condição de divergente do Bom Pastor?

154.1 Introdução: Terminando o Ministério da Judeia.

Como havíamos anunciado, estamos voltando ao capítulo dez de João para dar continuidade às duas partes não abordadas. Primeiro, o discurso do Bom Pastor, que dá seguimento àquele iniciado na MC-152, como A Porta das Ovelhas. Tendo decidido Jesus, por razões já aventadas, emplacar o sermão das ovelhas, o proferiu usando o recurso da parábola. Nas considerações de João, o recurso do provérbio. Na sequência, que é agora, Jesus se propõe a explorar ainda mais o conteúdo da parábola. Serve para responder às interrogações que haviam pairado no ar, como também para explicitar outros significados que a estória comportou.

Retornemos, pois, ao conto metafórico de Jesus para descobrir, junto com ele, novos sentidos.

Na primeira leitura, o Cristo se identifica com a Porta das Ovelhas – marco de travessia não apenas dos animais, mas também do seu pastor. Do ladrão, não. Esse vai por vias esquivas, oblíquas. Praticam tal percurso os corruptos, os mercenários, aqueles que pretendem entrar no reino dos céus de modo impróprio. Chegam a transformar o Templo de Deus em balcão de negócios, de tramoias e negociatas que visam o lucro do ego. Não aderem ao Mestre pois lhes interessa um reino paralelo, onde tudo funciona segundo sua visão parcial. Infelizmente, não viveram apenas ao tempo do Galileu, mas vigoram ainda hoje.



Por uma cultura de paz

Na segunda interpretação, o Cristo será o pastor, o Bom Pastor. De novo, os fariseus não querem notícias de um pastor diferenciado. Basta o pastoreio que já exercem, onde são sabichões da letra. Citam a Escritura pela lente tendenciosa, em favor de sua causa. O que importa é o conforto pessoal ou de casta. Querem a cama macia e quente, a mesa farta. Nada de sacrifícios. Ninguém pode lhes ensinar já que se consideram superiores e únicos. Mas o Cristo, com simplicidade cristalina, vinha desmontando seus raciocínios equivocados. Por isso era combatido, perseguido. No extremo, deveria ser torturado e morto. Tentaram, inicialmente, pela calúnia, em surdina. Uma mensagem aqui, um cochicho acolá, lançando a celeuma, plantando a cisma. Constroem alianças espúrias que vão da depreciação discreta à condenação explícita. No fundo, é a intolerância a tudo que expõe sua visão parcial e limitada.

No entanto, com discurso pertinente, até quando foi possível, o Cristo os combateu. E, em paralelo, dava prosseguimento ao seu trabalho, consolando sofredores e injustiçados, infundindo-lhes força para não esmorecerem diante da dificuldade, pois da provação todos que habitamos a Terra haveremos de passar. Terminará em mais dois tempos o seu ministério da Judéia para, conforme noticiamos na semana passada, iniciar seu curto ministério da Pereia.

Ainda é tempo de absorvemos as duas últimas notícias que João nos apresenta no seu capítulo dez. Aprendamos sobre o Bom Pastor nos doze versículos da ocasião.

154.2 Evangelho-parte 1: A diferença entre o (bom) pastor e o mercenário. (Jo)

João 10:11-21
10. "O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir; eu vim para que elas tenham vida e a tenham abundante.
11. Eu sou o Bom Pastor. O bom pastor aplica sua alma sobre as ovelhas.
12. O mercenário, não sendo pastor, de quem as ovelhas não são próprias, vê vir o lobo e deixa as ovelhas e foge, e o lobo as agarra e dispersa,
13. porque é mercenário e não interessam as ovelhas

- | | |
|---|--|
| 1. Continuou o Mestre: "O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir, mas eu vim para que as ovelhas tenham vida, e a tenham em abundância. | 3. O mercenário, não sendo pastor, não tendo as ovelhas como próprias, ao ver o lobo, foge deixando-as para serem dispersas e agarradas. |
| 2. Eu sou o Bom Pastor, o que aplica sua alma sobre as ovelhas. | 4. Como mercenário, não se interessa, de verdade, pelas ovelhas. |

154.3 Evangelho-parte 2: O mandado do Pai para o Bom Pastor. (Jo)

João 10:11-21
14. Eu sou o Bom Pastor, conheço as minhas (ovelhas) e as minhas me conhecem,



Por uma cultura de paz

15. assim como me conhece o Pai e eu conheço o Pai; e aplico minha alma sobre as ovelhas.
16. E tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; estas devo trazer, e ouvirão minha voz e haverá um rebanho, um pastor.
17. Por isso o Pai me ama, porque aplico minha alma para que de novo a recolha.
18. Ninguém a tira de mim, mas eu de mim mesmo a aplico. Tenho o poder de recolhê-la: esse mandamento recebi de meu Pai".

- | | |
|--|--|
| 5. Eu sou o Bom Pastor, conheço minhas ovelhas e elas me conhecem. | 8. Nisso reside a causa do amor do Pai por mim: aplico minha alma nelas para de novo a recolher. |
| 6. Aplico minha alma sobre as ovelhas, que não são apenas as deste aprisco. | 9. Ninguém a tira de mim, mas eu de mim mesmo a aplico. |
| 7. Juntarei todas para formarem um só rebanho, apascentadas por um único pastor. | 10. E tenho o poder de recolhê-la pelo mandamento que do Pai recebi". |

154.4 Evangelho-parte 3: A controversa sobre a condição de Jesus. (Jo)

João 10:11-21
19. Por causa desses ensinamentos, houve de novo divergência entre os judeus.
20. Muitos deles diziam: "Ele tem obsessão e treva, por que o escutais?"
21. Outros diziam: "Essas palavras não são de um obsedado; pode acaso um obsessão abrir os olhos aos cegos"?

- | | |
|---|--|
| 11. Nova divergência entre Jesus e os judeus aconteceu por conta desses ensinamentos. | 13. Outros argumentavam: "Essas palavras não são de um obsedado. Pode um obsessão abrir os olhos aos cegos"? |
| 12. Muitos se indignavam: "Ele tem obsessão e treva, por que o escutais"? | |

154.5 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Qual é a diferença entre o (Bom) pastor e o ladrão de ovelhas?

O interesse do ladrão não é o destino das ovelhas, mas o que lucrará por meio delas. Por isso, é capaz de roubar, destruir e matar.

O pastor cuida não apenas do rebanho, mas de cada uma das ovelhas, que conhece e chama pelo nome. Discrimina cada uma delas de acordo com suas particularidades para lhes dar o cuidado que merecem.

Na hora do perigo, como a de quando um sorrateiro lobo está a espreitar, o mercenário, primeiro, quer proteger a si mesmo. Se preciso, foge, e com isso, permite a dispersão do rebanho e o sacrifício de algum cordeiro.



Por uma cultura de Paz

Já o pastor situa sua consciência em outro patamar. Coaduna o pastoreio com o mandado recebido e sintoniza seus atos com os princípios da jornada espiritual. Avalia tanto a bonança como o risco de cada pastagem, apontando sempre o melhor rumo e o pasto fértil. Além dos compromissos próprios do condutor que é, acrescenta a qualidade ímpar do *bom pastor* – a vida em abundância, que detém e oferece.

Está em afinidade com o Pai, e tal como essa relação de comunhão é pautada, assim impregna sua lida com o rebanho.

Aproveita o Mestre a metáfora do pastoreio para adicionar preciosa informação. Suas ovelhas não se restringem àquelas afeitas à Palestina. A qual se referia? Duas hipóteses: uma, os “gentios”, simbolizando o mundo não-judeu que acabaria integrado à cristandade – era só questão de tempo; outra, referia-se a Espíritos da erraticidade, prontos para encarnarem e trabalharem em prol da difusão da Boa Nova. Esses se integrariam ao rebanho que ele já cuidava.

Conforme já explicitado, o rebanho judeu vinha sendo conduzido por falsos pastores, preocupados muito mais com as vantagens pessoais do que com a sua missão doutrinária. Chafurdaram-se nos maus costumes. Jesus discriminou os desvios de cada um e os alertou para a urgência da reforma íntima. Endereçou-lhes convite genuíno, visando sua função de pastorear o povo carente.

A história já nos elucidou sobre a estruturação desses primórdios do cristianismo. Retrogradamente, o discurso do Bom Pastor aparece como uma previsão da plausível divisão do judaísmo em dois troncos religiosos, e ainda como um chamamento para que seguissem um único fundamento. Mas, isso não foi viável.

2. O que significa “aplicar sua alma sobre as ovelhas”?

Está fora do meu âmbito conhecer o campo de ação do Espírito que se situa na esfera crística. Algo nos é dado a inferir quando assistimos ao trabalho amoroso, mesmo que através de notícias, realizado por um *avatar* junto às nossas zonas sombrias e turbulentas. A missão do Cristo que vimos estudando permite ilações dessa natureza.

No depoimento que agora presta, como parte da lição do Bom Pastor, ele esclarece que estreita junto a nós, os humanos, um tipo de relação que reproduz a mesma intimidade que comunga com o Pai. A diferença crucial é que ele, na condição de singular elo intermediário, possui consciência do vínculo que estabelece com o alto e com a Terra. Nós, não. Noticia-nos a respeito, oportunizando cogitações sobre a realidade espiritual a que estamos afeitos – através dele comungamos com Deus.

Passamos a saber que ele aplica sua alma sobre as ovelhas, nós, os humanos. E se compromete tal como um professor dedicado que assume a função de levar ao parque um grupo de crianças para um pic-nic dominical. Todos estão sob sua responsabilidade. Não poderá perder de vista nenhuma. Deverá conhecer a particularidade de cada uma, chamá-las pelo nome e, em caso de perigo, se prontificar



Por uma cultura de Paz

na sua proteção. E não, pelo contrário, sair em correria, deixando o grupo a ermo quando algum perigo se anuncia. Com certa relativização e boa vontade, dá para entender a analogia proposta.

O Cristo aplicou sua alma em todos os Espíritos que o Pai lhe dedicou para que, como tutor magnânimo, encaminhasse seus passos na jornada evolutiva. No ato solene de tal outorga, esse Espírito Realizado pôde assumir tal missão, pois se reconhecia como Filho do Homem, em consequência da travessia própria em processo similar. Só que com uma particularidade deveras singular – diz o Espírito Emmanuel.

“Todas as entidades espirituais encarnadas no orbe terrestre são Espíritos que se resgatam ou aprendem nas experiências humanas, após as quedas do passado, com exceção de Jesus-Cristo, fundamento de toda a verdade neste mundo, cuja evolução se verificou em linha reta para Deus, e em cujas mãos angélicas repousa o governo espiritual do planeta, desde os seus primórdios”. (O Consolador – Francisco Cândido Xavier).

Jesus é um Espírito que realizou sua evolução “em linha reta para Deus”. Chegou onde chegaremos, consoante à manifestação plena da essência crística, aquela em que o Cristo vive. No ato solene de tal outorga, o vínculo íntimo de comunhão do Cristo com o Deus se desdobrou para cada um de nós. Isso porque, na realidade, somos feitos da mesma essência.

É algo dessa realidade que ele está focalizando agora, quando diz ter aplicado sua alma sobre as ovelhas. Por realizar tal ação com tamanha propriedade é que fica demarcada sua união com o Pai pelo amor. E como aplica pode, em seguida, recolher. Diria que a colheita do seu espírito crístico, nesse retorno, se dará pelos frutos que apanhará. Como? Nós mesmos nos tornando Cristos. O poder de tal aplicação e recolhimento está no mandamento recebido do Pai, que é um mandado divino.

154.6 Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como trocar minha condição de divergente do Bom Pastor?

Os que são contrários ao Cristo, eles próprios já definem seu lugar e função. Não preciso esperar frutos favoráveis ao movimento doutrinário, porque já se posicionaram como adversários. Se me perseguirem enquanto trabalho no bem, eles têm parte com o antagonista e devo toma-los como provas úteis do caminho.

Não estou entre os primeiros, mas preciso me acautelar com relação às minhas respostas quando me atacam. É melhor entende-los como infelizes que se debatem na sombra do que como reais adversários que preciso combater. Na minha emoção e reação é que residem o perigo, o de me envolver com os desatinos que lhes são próprios.



Por uma cultura de Paz

Posso dizer da boca para fora que sou cristão, mas se não houver fundamento sólido na realidade dos meus atos, nada vale, muito pelo contrário. Não adianta proclamar, é necessário testemunhar.

Já constatei que minha atividade profissional busca o bem-estar daqueles que me batem à porta, mas preciso me precaver contra as armadilhas que permeiam essas relações. Enganos do ego podem disparar o gatilho da prisão cármica. Todo cuidado é pouco. Daí a recomendação máxima: “vigia e ora”.

O mesmo é cabível fazer no âmbito da minha família e na esfera das amizades. Um transtorno emotivo é suficiente para me atrair para o campo da queixa ou do ressentimento, da irritação ou do revanchismo. Toda cautela é importante. Com o que se diz e responde, com o julgamento e a crítica. São meios possíveis de divergência com o Cristo. Embora sutis, quando me físgam, acabam por revelar dimensões carentes da minha reforma interior.

Se me distanciei da condição do adversário declarado, não posso me permitir ter na minha fala ou ação o gérmen desse tipo refinado de desavença com o Mestre.

Quero ser a ovelha que conhece de imediato a voz do meu Pastor para seguir suas recomendações libertadoras.

No teu aprisco, Mestre querido, há segurança real, aquela que me faz sentir tua alma em mim, e te oferece-la de volta, com o Cristo nascendo verdadeiramente em mim. Em cada dia, em cada hora, em todos momentos de interação com quem quer seja.

Louvado seja o Cristo, em ti, em mim, em nós.

148.1 Versículo(s) para a meditação: João 10:14-15.

14. Eu sou o Bom Pastor, conheço as minhas (ovelhas) e as minhas me conhecem,

15. assim como me conhece o Pai e eu conheço o Pai; e aplico minha alma sobre as ovelhas.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 155 – paragem 434 – 03.09.17
JOÃO 10:22-39